

**Do impresso ao digital: um estudo sobre as concepções e transformações no hábito da
leitura**

From print to digital: a study on conceptions and transformations in the reading habit

**De la impresión a la digital: un estudio sobre concepciones y transformaciones en el
hábito de lectura**

Recebido: 23/04/2020 | Revisado: 24/04/2020 | Aceito: 29/04/2020 | Publicado: 04/05/2020

Leidiane Jesus dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9316-532X>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Brasil

E-mail: leidhy_ane@hotmail.com

Claúdia Lúcia Landgraf Valério

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8222-1293>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Brasil

E-mail: claudia.valerio@cba.ifmt.edu.br

Wagner Mônantha Sousa Morais

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8075-6814>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Brasil

E-mail: wagnermonantha22@gmail.com

Resumo

Este estudo apresenta as concepções e transformações no hábito da leitura, considerando as mudanças de paradgmas, e suas variantes ocorridas no modo de ler ao longo dos anos, tendo como primórdios os rolos até chegar nos incipientes e-books. Com o advento dos avanços tecnológicos e a tomada da era digital, ler e escrever tornou-se um agente totalmente inovador, pois novos mecanismos de leitura e escrita encontram-se disponíveis, como evidência, tem-se o letramento digital, domínio de técnica e habilidade por meio de dispositivos digitais que se fazem eficazes na multiplicidade e no desenvolvimento da leitura. Diante disso, o estudo também aborda discussões que apresentam questões pertinentes ao destino do livro impresso diante do crescimento do livro digital. Como revisão literária, ancora-se em Chartier (1999), Fisher (2009) que advertem sobre as finalidades da leitura que,

sobretudo, consistem em comunicar-se, (Xavier, 2002; Coscarelli; Ribeiro, 2007), que desenvolveram pesquisas sobre leitura e escrita em ambiente virtual, assumindo que o hipertexto, os textos digitais, e as novas formas de leitura e escrita ocuparam em larga escala a vida da sociedade contemporânea. Por fim, consideraram-se ainda os relevantes fundamentos de Eco, Carrière (2010) que discorrem sobre a permanência do livro impresso e seus efeitos na sociedade leitora da contemporaneidade.

Palavras chave: Hábitos de leitura; Leitura impressa; Letramento digital.

Abstract

This study presents the conceptions and transformations in the habit of reading, considering the changes in paradigms, and their variations that have occurred in the way of reading over the years, having as its beginnings the scrolls until arriving at the incipient e-books. With the advent of technological advances and the taking of the digital age, reading and writing has become a totally innovative agent, as new mechanisms for reading and writing are available, as evidence, there is digital literacy, mastery of technique and ability through digital devices that are effective in the multiplicity and development of reading. In light of this, the study also addresses discussions that present issues pertinent to the fate of the printed book in the face of the growth of the digital book. As a literary review, it is anchored in Chartier (1999), Fisher (2009) who warn about the purposes of reading that, above all, consist in communicating, (Xavier, 2002; Coscarelli; Ribeiro, 2007), who developed research on reading and writing in a virtual environment, assuming that hypertext, digital texts, and new forms of reading and writing have largely occupied the life of contemporary society. Finally, the relevant foundations of Eco, Carrière (2010), which discuss the permanence of the printed book and its effects on the contemporary reading society, were also considered.

Keywords: Habits of reading; Printed reading; Digital literacy.

Resumen

Este estudio presenta las concepciones y transformaciones en el hábito de la lectura, considerando los cambios en los paradigmas y sus variaciones que se han producido en la forma de leer a lo largo de los años, teniendo como principio los pergaminos hasta llegar a los incipientes libros electrónicos. Con el advenimiento de los avances tecnológicos y la toma de la era digital, la lectura y la escritura se han convertido en un agente totalmente innovador, ya que los nuevos mecanismos de lectura y escritura están disponibles, como evidencia, hay alfabetización digital, dominio de la técnica y capacidad a través de dispositivos digitales que

son efectivos en la multiplicidad y el desarrollo de la lectura. En vista de esto, el estudio también aborda las discusiones que presentan problemas relacionados con el destino del libro impreso frente al crecimiento del libro digital. Como revisión literaria, está anclado en Chartier (1999), Fisher (2009), que advierte sobre los propósitos de la lectura que, sobre todo, consisten en comunicar (Xavier, 2002; Coscarelli; Ribeiro, 2007), quien desarrolló una investigación sobre leer y escribir en un entorno virtual, suponiendo que el hipertexto, los textos digitales y las nuevas formas de lectura y escritura hayan ocupado en gran medida la vida de la sociedad contemporánea. Finalmente, también se consideraron los fundamentos relevantes de Eco, Carrière (2010), que discuten la permanencia del libro impreso y sus efectos en la sociedad de lectura contemporánea.

Palabras clave: Hábitos de lectura; Lectura impresa; Alfabetización digital.

1. Introdução

A história do livro impresso está relacionada ao contexto histórico, político, econômico e as correntes de pensamento religiosos. Com o decorrer do tempo, passou por inovações técnicas que permitiu que as pessoas pudessem manuseá-lo, trazendo maior facilidade no acesso à informação, cultura e à leitura deleite. Tudo começa na antiguidade, com o surgimento da escrita e, mais tarde, do papiro, que originou o termo livro, do pergaminho e do códice (quando se começou a pensar no livro como objeto).

Na Europa, durante a Idade Média, o livro sofre as consequências do excessivo fervor religioso, e passa a ser considerado um objeto de salvação. Surge ainda nesse período, os textos didáticos, com foco na doutrinação religiosa. O vocábulo “livro” é tão peculiar, convive-se com ele há tanto tempo, acostuma-se a vê-lo aos montes, em diversas categorias, mas defini-lo pode não ser algo tão simples. Segundo o Houaiss (2020), “livro” pode ser definido como:

1. coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos cujo dorsos são unidos por meio de cola, costura etc., formando um volume que se recobre com capa resistente. 2. livro (cap.1) considerado tb. do ponto de vista de seu conteúdo: obra de cunho literário, artístico, científico, técnico, documentativo etc, que constituí um volume [segundo as normas de documentação da ABNT e organismos internacionais, o livro é a publicação com mais de 48 páginas além capa] (Houaiss, 2020).

Desta forma, fica evidente algumas definições trazidas pelo autor que apontam que um livro pode ser compostos por folhas impressas, ou não, e que para que seja constituído um

livro precisa ser publicado e ter uma quantidade específica de laudas. No entanto, a informação trazida pelo enciclopedista acerca das “folhas não impressas” chama atenção para a reflexão dos livros de enfoque atual, os digitais.

Traçando um percurso etimológico, segundo Barbier (2008) e Araújo (2008), livro vem do latim *liber* que remete a película de uma árvore que fica entre a casca exterior e a madeira que teria servido de suporte para escrita. Araújo (2008, p. 343) também escreve sobre a origem do termo em questão, “Livro, do latim, *liber*, *libiri*, ‘entrecasca das árvores’, (mais apropriadamente capa vegetal intermediária entre a cortiça e a madeira) de onde “livro” com os significados de obra, escrito, e de divisão interna de uma obra ou escrito”.

Sendo assim, é evidente a anuência que se faz presente entre os estudiosos sobre a definição de que de fato seja um livro. Acerca dos estudos da história deste instrumento fundamental para o desenvolvimento intelectual, cultural e espiritual de uma sociedade o historiador francês Frédéric Barbier, afirma que:

Estudar a história da escrita na sua articulação com as categorias sociais, políticas, culturais e econômicas dominantes a cada época, dito de outro modo, na sua função de mediação. Para fazer isso, nós compreendemos sob a definição de livro todo objeto impresso, independentemente de sua natureza, de sua importância e de sua periodicidade, assim como todo objeto portador de texto manuscrito e destinado, ao mesmo implicante, a uma certa publicidade (BARBIER, 2008, p. 19-20).

Para se chegar a uma definição congruente, é necessário entender um pouco mais sobre a história dessa história, ou seja, o marco inicial da escrita, que foi atribuído aos sumérios da Mesopotâmia por volta de 3700 a.e.c que tinham como necessidade a comunicação e aprimoramento dos sistemas contábeis, administrativos, medicinais e nas ligações com astronomia (Fisher, 2009, p. 32). Para o autor a escrita tem por finalidade preencher três requisitos: comunicação, consistir de marcas gráficas sobre um suporte durável e, por fim, articular a fala de modo que a comunicação seja alcançada. Como se sabe, para se ter um escrito precisa-se de um suporte, que nem sempre foi a folha tal como se tem conhecimento. Antes que o livro impresso fosse composto tal como é hoje, os escritos se davam em argila/barro na (Mesopotâmia), madeira no (Egito, China, Grécia, Roma e Mesopotâmia), ossos de animais e carapaça de tartaruga (China e mundo árabe) além de bambu e seda, também na China. (Paiva, 2010, p. 16-17), (Katzenstein, 1986, p. 109).

Os livros nascem como *Volumén*, espécie de rolos feitos com papiro (espécie de erva aquática com caules, triangulares, altos e flexíveis, com folhas aciculares) que se apresentavam em formas de páginas compiladas. Os rolos (manuscritos) que existiam nas

bibliotecas de Alexandria (a.e.c), já eram considerados livros, no entanto, pode se dizer que o livro tal como se conhece hoje, sugiu a mais de cinco séculos com a difusão *do Volumén* para o Códice (manuscritos gravados em madeiras).

No século XV, com a revolução da imprensa e o surgimento da prensa tipográfica, (espécie de máquina de imprimir), por intermédio de Johannes Gutenberg, a nova técnica unia três elementos indispensáveis, a já citada prensa, os caracteres móveis, e tinta espessa e, inicialmente, o papel europeu era feito de trapo, cola e muita água. (Febvre Martin, 1992, p. 76). Esta transposição e avanços a respeito dos livros são tão significativos que Chartier (1999, p. 101) defende que as grandes transformações que vivemos hoje como os livros digitais não se comparam com a invenção da prensa. Entretanto, Barbier (2008) considera que a tecnologia pode facilitar a produção e reprodução de livros, superando facilmente a evolução da prensa apresentada por Gutenberg durante a Idade Média.

2. Letramento digital: os avanços tecnológicos e as diferentes concepções de leitura

Sabe-se que o acesso ao computador e a internet tem alterado diversas atividades da vida contemporânea. Estas mudanças também têm ocorrido no espaço educacional, interferindo assim, no processo de ensino e aprendizagem. Isso fez com que alguns estudiosos da educação, como: (Xavier, 2002; Coscarelli & Ribeiro, 2007), refletissem e pesquisassem acerca das consequências das novas tecnologias, dentre elas, novas práticas e uso da linguagem na sociedade.

É crescente o número de pessoas que adquirem e utilizam novos dispositivos tecnológicos, tais como celulares, computadores, smartphones, tablets e cartão eletrônico, por exemplo, em sua vida social. Isso tem exigido destes consumidores diversas transformações referentes a aprendizagens, comportamentos e desempenhos peculiares. Deste modo, alguns estudiosos passaram a discutir sobre o surgimento de novos modos de ler e escrever, que é visto como um novo paradigma ou novas práticas de letramento: o letramento digital (Xavier, 2002).

Antes de conceituar letramento digital, é preciso compreender um pouco mais sobre letramento, processo que já ocorria nos interiores do campo educacional e passa a ser utilizado com mais frequência em debates que envolvem a educação no nosso país. Quanto aos estudos do letramento, na literatura brasileira, a palavra letramento não aparece ainda na maioria dos dicionários, pois há certa imprecisão quanto à diversidade de olhares em relação ao fenômeno “letramento(s)”. No Brasil, Mary Kato (1986) foi a primeira pesquisadora a citar

o termo “letramento”, o qual se originou do termo literacy que já tinha sido anunciado por Heath (1983) e por Street, (1984). Desde então, o conceito de letramento assume caráter mais social e ideológico, e os debates que objetivam a compreensão do que institui o letramento e sua relevância, ganham destaques nos diferentes contextos sociais.

Esses diálogos envolvem ainda várias contribuições teóricas que surgem da Sociologia, Psicologia, História, Etnografia e da própria Pedagogia. Dentre essas abordagens, há um maior interesse pelas que são ancoradas pela Antropologia, Etnografia e Linguística Aplicada. Kato foi uma das primeiras autoras a utilizar e a definir o termo letramento, ela o conceitua em confronto com a alfabetização: “[...] enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p 20). Desta forma, constata-se que letrar está muito além do ato de alfabetizar, ou seja, aprender a ler e escrever, pois o letramento está relacionado com questões mais profundas, letrar é considerar a abordagem sócio-histórico-cultural, uma vez que deve ser considerada a leitura de mundo, os conhecimentos prévios e os valores que um indivíduo traz consigo.

As autoras Tfouni, (1995) e Soares (1998) também aclaram que letramento é estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, e participa competentemente de eventos de letramento. Soares (1998), apesar de reconhecer letramentos, no plural, dedica-se a abordar o letramento que se restringe à esfera escolar. Ainda se tratando de letramentos, aqui nesse estudo, assumimos o que declara Kleiman (2005):

O letramento abrange os processos de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita resultando outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da Internet (*Ibid*, 2005, p. 21).

Partindo dos pressupostos que a autora nos acentua acerca dos mecanismos que envolvem os letramentos, tais como as mudanças sociais e tecnológicas, e o surgimento da internet, pode-se então frisar que o letramento digital deve ser encarado como mais um tipo ou mecanismo de suporte para a leitura, e não como um novo paradigma de letramento imposto à sociedade por meio de seus avanços tecnológicos. Deste modo, Xavier (2002, 2007), Coscarelli & Ribeiro (2007) desenvolveram pesquisas sobre leitura e escrita em ambiente virtual, assumindo que o hipertexto, os textos digitais, as novas formas de leitura e escrita ocuparam em larga escala a vida da sociedade contemporânea. Xavier (2007), afirma

que:

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (*Ibid*, 2007, p. 8)

O autor evidencia o que os mecanismos digitais de leitura trazem à vidas das pessoas. O acesso às informações é instantâneo, o mundo dos negócios se torna mais prático e ágil, transações bancárias ocorrem de forma eficaz, *e-mails* são lidos e respondidos instantaneamente, e no campo educacional tem-se mais um aparato para se produzir conhecimento, já que o estudante estará utilizando em sala de aula os mesmos mecanismos que utiliza no seu cotidiano, sendo atraído para os estudos por meio de algo que já lhe é peculiar. Coscarelli & Ribeiro (2007, p. 9) asseguram que “[...] Letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. Por certo, é o que notamos diariamente em sites, páginas, blogs, vlogs, plataformas, links e mais links e, uma infinidade de textos nesses ambientes virtuais que possibilitam aperfeiçoar práticas de leitura e escrita.

Levando em consideração esse contexto, é muito importante salientar que as práticas de leitura e escrita estão em constante processo de rotação, já que acompanham os avanços tecnológicos e sociais do mundo globalizado. Por essa razão, acede do pensamento de Coscarelli & Ribeiro (2007) de que:

[...] a prática do leitor fornece subsídios para que os produtores de material escrito e/ou de dispositivos para leitura possam repensar, reprojeter e reinventar matérias e recursos, de acordo com a demanda constante do leitor, que busca conforto, eficiência, portabilidade e compreensibilidade. E o leitor vai se conformando ao objeto de ler, num ciclo retroalimentado e retroalimentador (*Ibidem*, 2007 p. 126-127).

Assim sendo, fica evidente que esses avanços tecnológicos, trazem diversos ganhos para o público leitor, conforme as concepções de Coscarelli, (2007) os adéptos a esse novo modelo tecnológico terão mais conforto e eficiência em suas leituras e escritas, entretanto, tratando-se do livro eletrônico é preciso atentar-se que, para que o conteúdo do livro digital seja lido, será necessário um suporte que esteja com a tecnologia atualizada. Para Paiva (2010), um livro digital pode ser definido como:

Um e-book [...] é livro em formato digital que pode ser lido em equipamentos

eletrônicos, tais como computadores, PDAs [Personal Digital Assistant ou computador de bolso] ou até mesmo celulares que suportam esse recurso. O e-book quer tornar-se um método de armazenamento de pouco custo e de fácil acesso devido à propagação da internet. Pode ser vendido ou até mesmo disponibilizado free para download em alguns portais de internet (*Ibid*, 2010 p. 84-85).

Compreende-se então, que os *e-books* são armazenados em dispositivos com capacidade de suportar um número substancial de livros digitais que se mostram extremamente práticos e interativos, já que durante a leitura é possível acessar diversos links e hipertextos, para adquirí-los, o leitor conta com preços acessíveis, pois não possuem custos com impressões e logísticas de distribuições, e ainda se mostram mais ecológicos que os livros tradicionais, uma vez que não utilizam folhas para impressão. Assim sendo, é evidente que essa nova modalidade de leitura tem tido grande aceitação entre o público leitor.

3. As leituras digitais vão suprimir às impressas?

Acerca das concepções da leitura impressa às digitais, tem-se uma considerável reflexão a ser feita, ponderando todo o insigne processo que remete a história do livro desde a antiguidade (com destaque aos grandes marcos da Idade Média), até os inúmeros avanços tecnológicos alcançados na atualidade. Ainda sobre o extenso e emaranhado percurso que teceu o processo de construção dos livros, é preciso considerar seus avanços paulatinos, invenções e descobertas memoráveis, e ainda, os entraves ocorridos na Alemanha Nazista que levaram ao ignóbil ato resultante na queima de milhares de livros.

Essas reflexões fazem-se necessárias para compreender a dimensão que o livro tem sobre a humanidade, pois suas laudas trazem muito mais que informação e cultura, elas apresentam lindes que vão do sagrado ao profano, que trazem intensas inquietações a humanidade. Sobre tudo, há algumas indagações que intrigam o público leitor, em suma os que compõem o campo educacional, os livros digitais vão suprimir os escritos?

Torna-se cada vez mais crescente o número de leitores digitais, principalmente o público jovem, geração que está inteiramente ligada aos dispositivos tecnológicos, logo, realizam múltiplas funções, tais como; socialização, entretenimento, pesquisas, leituras, trabalhos escolares, dentre outros. Enfim, quando o assunto é leitura impressa, o desinteresse se mostra cada vez mais presente, visto que, para muitos já é algo ultrapassado, já que livros impressos ocupam muito espaço, amarelam, e acumulam traças, muitas das vezes, a fonte (pequena) também serve de argumento para justificar desprendimento por esse tipo de leitura.

De acordo com Veras (2011), estes jovens apresentam como características o imediatismo, o desempenho de multitarefas, são dinâmicos, inovadores, defensores do meio ambiente, versáteis e flexíveis. Sobre a permanência do livro impresso Eco, Carrière (2010) afirma que:

[...] Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá uma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais quinhentos anos. [...]. O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é (Eco, Carrière, 2010, p. 16-17).

Deste modo, ancora-se nas afirmações do autor, pois de fato, as funções gerais do livro permanecem, e ele continua a difundir saberes, o que já era possível observar desde os primeiros impressos, uma vez que, a leitura é a possibilidade de um diálogo que extrapola o tempo e o espaço, um alargamento de mundo, Maria (2008, p. 25). Mesmo que se tenha muitos adeptos das novas plataformas de leitura, há também quem conserve o tradicional jeito de ler, para esses leitores o contato com o livro, o passar das páginas, as marcações e anotações que se pode fazer com o impresso, são inenarráveis.

Portanto, o interesse pela leitura impressa segue dominante entre os leitores brasileiros, fazendo com que o livro digital ainda tenha um longo caminho a percorrer, no mais, é importante salientar que uma concepção de leitura não supre a outra, ambas se complementam em um processo de modernização e avanços tecnológicos no campo da leitura e escrita.

4. Considerações Finais

Este novo cenário de leitura mostra um campo vasto de opções à disposição do leitor, isso por que os proveitos dos livros digitais são inegáveis, e evidenciados, pois os suportes de armazenamento podem carregar uma biblioteca, o que não seria possível com os livros impressos. A praticidade de desenvolver inúmeras tarefas na esfera digital, dentre elas: trabalhar, momentos de lazer e de leituras, seja por dever ou por deleite, faz com que muitas pessoas, principalmente, as nascidas na “era digital” otimizem seu tempo e desenvolvam suas atividades em um único local, ou seja, os mecanismos digitais, devido a avalanche de benefícios que essa esfera proporciona.

Entretanto, é preciso salientar que o livro impresso faz parte de uma cultura

tradicionalmente histórica da humanidade, sendo meio de acesso às informações, ensinamentos religiosos e fontes de cultura e lazer durante milênios. Muitos leitores, autores e pesquisadores consideram que o contato com o livro físico, sentir a textura e o dor do papel, a qualidade da impressão e até mesmo a natureza da encadernação, acabam fornecendo pistas da existência e veracidade do conteúdo a ser lido.

Desse modo, não é possível co-relacionar a preferência ou supremacia entre um e o outro, pois da mesma forma que o livro impresso dependia dos manuscritos, o mesmo acontece com o digital, já que matém a mesma estrutura do tradicional impresso, sendo organizado através de paginação, paragrafação, e a distribuição do texto ao longo das páginas, por exemplo. Por isso, vê-se que o livro em formato digital é extensão e evolução do formato impresso, como outrora ocorreu com os rolos. Logo, cabe ao leitor a escolha do meio de leitura que lhe parecer mais adequado e satisfatório para dada ou determinada situação.

Referências

Araújo, E. (1986). *A construção do livro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro.

Barbier, F. (2008). *História do Livro*. São Paulo: Paulistana.

Bordini, M.G. & Aguiar, V.T. (1993). *A formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.

Brasil. (2017). Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB. Recuperado em 15 de março de 2020. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>.

Chartier, R. (1998). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP.

Coscarelli, C.V. (2005). Alfabetização e letramento digital. In: Coscarelli, C.V. & Ribeiro, A.E. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica.

Delmanto, D. (2009). A leitura em sala de aula. *Construir Notícias*, Recife, 8(45): 24-26,

mar./abril.

Eco, U. & Carrière, Jean-Claude. (2010). *Não contem com o fim do livro*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record.

Fischer, S.R. (2006). *História da leitura*. São Paulo: Unesp.

Hallewell, L. (1985). *O Livro no Brasil: Sua História*. São Paulo: Edusp.

Houassis. Edição consultada UOL. Recuperado em 22 de fevereiro de 2020. <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=livro&styp=k>.

Kato, M. (1986). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática.

Kleiman, A. (2004). *Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. 9.ed. Campinas: Pontes.

Maria, L. (1994). *Constituição de leitor*. In: *Simpósio nacional de leitura*. Rio de Janeiro. Leitura, saber e cidadania. Rio de Janeiro: Proler.

Mato Grosso, (2018). *Documentos de Referência Curricular para o Estado de Mato Grosso: - Área de linguagem- Ensino fundamental anos finais*. Cuiabá, MT.

Orlandi, E.P. (org.). (1998). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes.

Rojo, R. & Moura, E. (2012). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola editorial.

Solé, I. (1996). *Estratégias de leitura*. Porto alegre: Artes Médicas.

Street, B. (2014). *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola Editorial, v. 1.

Tfouni, L.V. (1995). *Letramento e Alfabetização*. São Paulo: Cortez.

Yunes, E. (orgs). (1994). *A formação do leitor: o papel das instituições de formação do*

professor para a educação fundamental. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Leidiane Jesus dos Santos – 50%

Claudia Lucia Landgraf Valerio – 30%

Wagner Mõnantha Sousa Morais – 20%